

Por que nunca estamos satisfeitos com o que temos? Por que a grama do vizinho é sempre mais verde? Por que descobrimos um amor quando estamos na iminência de perdê-lo? Para o psicanalista Antonio Pastoriza, personagem principal deste livro, “desejar é um verbo intransitivo. O desejo investe no vazio, naquilo que não temos. Só valorizamos o que está ausente. Ou seja, aquilo que só percebo quando perco, porque, depois de perdido, ele se torna perfeito.” Alguém discorda?

Quando li o primeiro romance de Felipe Pena, *O analfabeto que passou no vestibular*, me perguntei: como um sujeito tão erudito, com doutorado em Literatura e cursos na Sorbonne, pode escrever de forma tão envolvente, sem as invencionices linguísticas da Academia? Tive a resposta ao ler uma citação de Nelson Rodrigues: “eles não sabem como é difícil escrever fácil.”

Pois é isso que faz o autor: escreve fácil. Sua narrativa emociona o leitor, ao mesmo tempo em que o faz rir de si mesmo. A comparação com o próprio Nelson Rodrigues é inevitável. Felipe Pena desnuda a natureza humana e compõe personagens que são o nosso espelho, mostram nosso ridículo original. Homens e mulheres não escaparão daquela lágrima desgarrada, que escorre pelo canto do olho. Mas também se deliciarão com as cenas de sexo (descritas com uma sutileza que é muito excitante) e perderão o fôlego com a trama policial embutida no enredo.

Em *O marido perfeito mora ao lado*, somos apresentados a uma mulher angustiada que busca a ajuda de uma terapeuta para salvar o casamento. Mas logo percebemos que a angústia é compartilhada por outros personagens, até mesmo pelos bem casados (ou principalmente por estes, como diz um deles). Então ocorre um crime. E os terapeutas farão o papel de investigadores. Quem é o culpado pela incomunicabilidade entre homens e mulheres? Uma questão que nem Freud foi capaz de resolver, embora passemos a vida atrás da resposta.